

CONDIÇÕES

Assinatura mensal nesta cidade . . . \$ 1.20
 PARA FORA
 Trimestre . . . \$ 4.20
 Semestre . . . \$ 8.40
 Annuo . . . \$ 15.60
 As assinaturas devem sempre concluir no fim de
 Março, Junho, Setembro e Dezembro, podendo en-
 tar em qualquer dia.
 A correspondência deve ser submetida á Direção
 Pagamento adiantado

A PATRIA

ORGÃO DOS INTERESSES DA COLONIA BRASILEIRA NO RIO DA PRATA

Sociedade anonyma

DIRECTOR: CASSIO A. FARINHA

Diario da Manhã

ADMINISTRAÇÃO

Na Rua da Florida numero 59
 Recebem-se annunciados e publicos. Os artigos de inte-
 resse geral serão publicados gratuitamente.
 ASSINATURAS PARA O RIO DE JANEIRO
 Trimestre (moeda papel) tele . . . 91000
 Semestre . . . 178000
 Annuo . . . 324000
 Pagamento adiantado

PREVENÇÃO

Os agentes da «Patria» no Rio de Ja-
 neiro são os Srs. Lombardi e Compa-
 nhia, Rua dos Ourives numero 2.

AGENTES DA «PATRIA»

NA

Campanha e Exterior

Rio Janeiro . . . Lombardi & Cia, Ourives 2.
 Santa Catharina . . . Hermannsgrill Linhares.
 S. Paulo . . . Octavio A. de Oliveira.
 Santos . . . H. Machado.
 Porto Alegre . . . Carlos Pinto.
 Rio Grande . . . Faustino Armand.
 Santa Victoria . . . José Almeida dos Santos.
 Jaguarão . . . Marcilio, Leito e Comp.
 Bagé . . . Benito Gostan.
 S. João Baptista . . . J. E. Pacheco de Andrade.
 Itaquí . . . Pedro Antonio de Miranda.
 Uruguaiana . . . Theobaldo Luiz de Souza.
 Buenos Ayres . . . Saturnino Candillo Gomez.
 Concordia . . . José Pedro da Rocha.
 Monte Caseros . . . José dos Santos Pereira.
 Salto . . . Guimarães e Etcheverry.
 Idem . . . A. Maximo Gomez da Silva.
 Dayman . . . Manuel Ritt Farinha.
 Arerungua . . . Fernando Ritt.
 Yacuy . . . Salvador Jardim.
 Araphy . . . Antonio C. C. Maciel.
 Paysandú . . . Mariano C. mas.
 Queguay . . . Laurindo José da Silva.
 Tres Arroyos . . . Raphael França.
 Arroio Grande . . . A. Antonio da Porciuncula.
 Alegrete . . . Freitas Valle e Jacques.
 Itacaré . . . Pedro Jacintho Pereira.
 São Eugênio . . . José Machado.
 Santa Rosa . . . Manuel Pereira Guimarães.
 Rivera . . . José Luiz Vares.
 Livramento . . . Guilherme Diaz de Castro.
 Taguarembó . . . Daniel Gomes de Freitas.
 Hospital . . . Joaquim Vilga.
 Durazzo . . . Benjamin Paris.
 Sarandi . . . Manuel Amaro da Silveira.
 Capilla del Parroco . . . Carlos Janje.
 Cerro Largo . . . Carlos Roque de Oliveira.
 Idem . . . Manuel Sotoca.
 Córdova . . . D. G. Freitas Filho.
 Artigas . . . Ismael Vellazquez.
 Tristão e Trece . . . Salvador Oliveira.
 Fararinas . . . Manuel Leandro dos Santos.
 Malcorado . . . Silverio da Costa Pereira.
 Rio Carlos . . . Octavio A. Eguren y Avila.
 Minas . . . C. Gutierrez.

Almanach e Ephemerides

DIA 23

1519—Chega ao Brasil A. C. de Barros, capitão
 mor da esquadra.
 1086—Batalla de Zalaca gendia pelos christãos
 mandados por Alfonso VII.
 S. Servánio e S. Gervásio mrs.; (dia 23) no b.
 de Cádiz) S. João de Capistrano; Sta. Cecilia e Sta.
 Candida mrs.

A PATRIA

Redactor: BALDOMEIRO C. FLEITAS

MONTEVIDEO, 23 DE OUTUBRO DE 1880.

Guerra

Revista por toda a parte a palavra terrível
 e amedrontadora, que indica a morte e a
 destruição.

Um monstro devorador e insaciavel que se
 alimenta de desgraças horribes, está en-
 gendrado nas calceyas inflamadas de alguns
 mios, que desejam attribuir de prophe-
 tias.

Sem que haja uma razão convincente que
 arraste esta payte da America do Sul a uma

FOLHETIM DA PATRIA 24

MARÁBA

ROMANCE BRASILEIRO

POR

SALVADOR DE MENDONÇA

mais, dos extremos apaixonados que se ocu-
 ltabam sob aquella calma aparente.

Como lhe voltava o companheiro de in-
 fancia, bello, generoso, rico, cercado de uma
 como aureola luminosa, e como lhe restituia
 ella a companhia a quem elle outrora cha-
 mava—minha noiva!

Chorou de raiva, rebelou-se contra si,
 contra a força desconhecida que a fizera suc-
 cumbir.

Depois vestiu-se com o singelo vestido
 branco com que a vimos voltar á sala, e im-
 pallideceu ao vesti-lo, e caminhou para
 juncto da felicidade perdida como a hostia
 para o sacrificio.

A' mesa quiz zombar com a dor que a
 dominava, mas a natureza triumphou e
 deixou que o coração fallasse.

luta armada, os ociosos não perdem ensejo
 de apontar para o horizonte, e dizem
 «nó agglomerado de nuvens negras, e entre
 ellas serpenteando em fogosos corcosos o
 cometa aterradora».

Nós, ao contrario, em vez de deixarmos
 entrar tyrannicamente em nossa imaginação
 semelhantes temores, não divismos no fir-
 mamento estrelado e colorido de bello azul,
 senão o sol esplendido da civilização, illu-
 minando jubilo o codigo das leis sacrosan-
 tas da humanidade, que tem por titulo—pro-
 gresso, por these—a paz.

Não queremos acreditar na proximidade
 de uma conflagração, que faça ferver nos
 fogos abrasadores dos fornos de Krupp, e
 caudalosos rios: Prata e Amazonas.

Ainda não surgiram motivos ponderaveis,
 nem é provavel que se levantem importantes
 questões internacionaes, que lancem a per-
 turbación, e originem a guerra nesta banda
 d'America Meridional.

A intelligente e honesta diplomacia ha de
 varrer completamente todos os obstaculos,
 que se ergam para impedir a marcha glo-
 riosa e desimpidida do reinado da paz.

Alentamos a mais viva esperança, de que
 impere a tranquillidade e que o bom senso
 dos estadistas brasileiros e platinos ha de
 conceber poderosamente para evitar des-
 vantagens internacionaes que conduzam a um
 resultado pernicioso e anti-civilizador, nações
 que são hoje amigas.

Estamos certos, e asseveramos que não ha
 tratado secreto entre o Imperio do Brasil e
 a Republica do Chile, e sem indicarmos a
 fonte onde bebemos a convicção radical des-
 ta affirmativa, nos sentimos possuídos de di-
 reito incontestavel para nos fazermos acre-
 ditar.

Não precisamos descer a pactuar com os
 espíritos das secretarias do Governo Brasilei-
 ro, para com rectidão e verdade discorrer
 nos assumptos que aventamos; e Deus nos
 livre que nos deixassemos inspirar nos per-
 sonagens ciliarios, sacerdotes incensadores
 de todos os partidos, porque então correriam
 algum risco de servir de echo ás suas
 vaidades pessoais, e não seriamos dignos
 obreiros do templo da paz, a que o jornalista
 bem intencionado, deve procurar acolher-se e
 convidar a que nelle se refugiem os homens
 honrados.

Jámais procuraremos autorizar nossas pa-
 lavras em dados fornecidos pelos que caem
 dentro das pastas dos ministros: temos cu-
 rios meios mais seguros e mais seus de nos
 instruímos quando ventilamos questões de
 importancia.

Esta redacção falla por conta propria,
 inspirando-se nos interesses reaes dos indi-
 viduos para quem falla, e escudando-se na
 verdade conhecida; e aproveita o ensejo de
 confessar-se summamente grata á delicadeza
 e confiança do Director desta folha, que lhe
 tem dado toda a liberdade, sem requer ter-se
 aproveitado do direito de indicação.

Não gostamos de posições equivocas, e
 por isso somos constringidos a estranhar
 que a Legação Brasileira não tenha digna-
 mente procurado dissipar os terrores infun-
 didos pela supposição de um tratado secreto
 com o Chile.

Sentimos tambem as queixas que tem
 motivado o seu ambiguo procedimento na
 questão Latorre.

Temos firmes no nosso alvó, e não temo-
 escrupulos em proferir franca e desacom-
 modadamente o nosso voto a respeito das des-
 truições do fertil Perú pela aristocracia e
 feroz Republica Chilena.

Os desesperados destruidores do Perú ex-
 cedem actualmente muito em barbaria e sel-
 vageria aos assassinos de Valdivia; e o ge-
 neral S. Martin, Ramo Freire e O'Higgins
 devem estremecer da vergonha e de indig-
 nação nos seus invidiáveis sepulchros, ao
 verem que emanciparam um povo, que hoje
 é escravo das mais ruins e violentas pa-
 xões.

Não, o Brasil não poderá jamais estar
 ligado por laços de sympathia, quanto mais
 por um tratado intimo, estreitissimo, que o
 compromettesse a coadjuvá a ambiciosa re-
 publica a decidir os destinos dos outros pa-
 zes vizinhos.

Contraria formalmente a desconfiança de
 um grupo de politicos machiavelicos o pro-
 cedimento nobre leal e independente, que
 tem tido o Imperio de Santa Cruz; e para
 combater a infundada crença de existir um
 tratado secreto é bastante considerar os ac-
 tedentes da politica brasileira, que, medi-
 tados, fria e imparcialmente, dão as mais
 reaes garantias de lealdade.

Quem faz justiça ao caracter brasileiro
 não pôde suppor, nem de leve, que haja um
 filho do Imperio capaz de approvar a con-
 ducta deshumanada do Chile para com o Pe-
 rú, e se por uma aberração incredulavel o
 Governo desse mostras do applaudir as de-
 sordenadas ambigões chilenas, a unanimi-
 dade dos brasileiros levantar-se-hia impla-
 cavel a pronunciar uma sentença condemnato-
 ria.

O Bre il é generoso, esquece no momen-
 to da humilhação e desgraça que soffre o in-
 feliz Perú quaisquer desatencões que com
 elle acaso tivesse praticado o vizinho do
 Amazonas.

E' grave injustiça attribuir ao Brasil in-
 tenções inconfessaveis e menos dignas d'um
 paiz tão grande, tão rico e tão acreditado,
 que indubitavelmente goza da primazia en-
 tre as nações Sul Americanas, e que tem to-
 das as condições, em grande copia, para ga-
 rantir um futuro brilhante, sem outros re-
 cursos que os innumeraveis cutesourados
 no seu fertilissimo solo.

Se o Bre il é generoso, esquece no momen-
 to da humilhação e desgraça que soffre o in-
 feliz Perú quaisquer desatencões que com
 elle acaso tivesse praticado o vizinho do
 Amazonas.

ven logicamente supportar as consequen-
 cias do mal, e soffrer a finta necessaria e fa-
 tal para a sua extinção.

Dahi a idea da colonizar o braço afri-
 cano, fonte da escravidão, no paiz, á recurso
 de organização do trabalho emancipando
 regulamentado e obrigatorio, como meio á
 determinar a imigração espontanea capaz
 de fornecer o braço livre e consciente as
 necessidades multiplices da vida social pela
 actividade humana; e correndo parallela-
 mente com o problema da emancipação o
 da grande naturalização, com seus logicos
 correctivos para consequimento da autono-
 mia nacional d'este paiz americano.

Com os elementos e razões de um bom
 senso pratico, desculpem o sentimento de le-
 gitimo anár propro que vai consagrado
 nestas linhas, temos sustentado a possibili-
 dade venturosa, moral e economicamente
 fallando, de realizar-se a abolição da escravi-
 tudo, neste paiz, sem abalo da fortuna
 publica e privada, e sem a desorganização
 do trabalho, antes fecundando-lhe o objecti-
 vo do seu futuro e o ensino profissional,
 pela reforma da educação e dos costumes
 publicos.

Nosso empenho na discussão do assum-
 pto, tem sido, sempre, evidenciar que a so-
 lução do problema abolicionista, no Brasil,
 actualmente, é problema de uma solução
 complexa, porque, nas condições de grande
 problema social a resolver o da emancipação
 servil, não pôde perder o seu typo de pro-
 blema misto ou em encimelamento complexo,
 envolvendo o da moral, o das finanças, o
 da justiça, e o da policia, que todos poderiam
 bem ir encontrar resolução no da construc-
 ção ou organização do municipio tomado
 como base de toda a evolução social.

Perque pensamos sempre que a abolição
 se devia e deve fazer immediatamente, e sem
 a ruína da propriedade privada legitimada
 pelo... direito consuetudinario, a proprie-
 dade privada ali, por força de circumstan-
 cias, sendo a propriedade nacional talvez,
 não duvidamos combater a aspiração do
 centro livre como meio de abolição, por ser
 um meio anti-racional, anti-philosophico,
 anti-humano, injusto, immoral, e contrario ás
 boas leis economicas da produção nacional.

Ahi estão as razões adduzidas em apoio
 da nossa opinião consagradas nos volumes
 de nossos jornaes recolhidos á Bibliotheca
 Nacional, sem bullia nem matizada, ou so-
 licitação de elogios para, no futuro, aquelles
 que possam julgar do passado e presente
 com isenção de espirito, attestarem ás ge-
 rações por vir que não houve quem, no tor-
 velinho da vida publica, neste reinado, com
 mais patriotismo aborde as questões so-
 ciales do tempo, não procurando o ambo de
 resolução e pratica nos outros paizes para o
 nosso que não tem topographia, zona, edu-
 cação e costumes semelhantes, e que não
 permite levantar instituições identicas e
 sem oportunidade.

Para que se não pense que... charlatani-
 smos, em quanto não reproduzimos quan-
 do em 1870 expendemos em conferencia pu-
 blica no empenho de decretar-se a abolição
 immediata, com a indemnização e trabalho
 obrigatorio e regulamentado, processo que
 mereceu, por excepção, em tempo, menção
 honrosa do Jornal do Commercio, embora
 em oito linhas da sua gazetilha, efferecemos
 á consideração dos nossos leitores o que di-
 ziamos em Março de 1869 sobre o proble-
 ma da emancipação, então no ordeno do dia.

Assim nos enunciamos a esse tempo:
 «A questão da emancipação do estado
 servil por si só seria imponente programma

A escravatura desaparece

São tantos e tão valentes os paladinos da
 abolição do elemento servil, que estamos
 esperançados que não passará de um lustro
 a existência do canoro, que todos os bons e
 honrados brasileiros procuram com afflicto
 arrancar do solo atenuado do Imperio.

Os factos se precipitam de tal forma que
 não podemos precisar a duração da escravi-
 tudina no Brasil, pois, todos os publicistas
 se dedicam a preparar o seu desaparecimen-
 to.

Todos os cuidados e demoras são motiva-
 dos pela prudência, que ordena estado mais
 acurado, afim de evitar uma convulsão na-
 cional de perigosas consequências.

Um dos apostolos fervorosos de tão no-
 bre idea é o antigo jornalista, Carlos Ber-
 nardino de Moura, redactor de A Patria, que
 se publica no Rio de Janeiro, e d'ella tira-
 mos o artigo editorial, que vae em seguida:

A abolição

(A «Patria» do Rio)

«Desde 1855, n'esta imprensa, na tribuna
 da Assemblia Provincial do Rio de Janeiro,
 e nas conferencias publicas, regitando do
 futuro moral e material d'esto paiz ameri-
 cano, temos sustentado, com fundamentos
 theoricos e praticos, a urgencia da abolição
 da escravidão com seus correlarios conexos.

Nosso pensamento constante tem sido
 que—cooperando criminalmente, ante a
 constituição doada e aceita, e o tratado de
 1850 sobre o trafico, todos os residentes nes-
 te paiz, para a existência da escravidão, de-

que lhe prometiam um paraíso, povoado de
 todos os reclusos da infancia, coberto do ros-
 cio de manhã, risonho com as suas flores
 douradas, azul e placido como o proprio céu,
 e verilhado a entrada cortada pela fauce lo-
 bregada do inferno, e não poder transpô-la, e
 volver para traz os olhos e deparar a terra
 coalhada de ledoso paul e o horizonte me-
 recencio e funebre como o olhar de um pre-
 cuto; conhecer que a prenda ao solo n'a
 falta, quando o formoso archanjo estendia-
 lhe os braços e convidava-a á celeste jor-
 nada!...

Reinava saudosa os annos innocentes; teco-
 ra de novo a alva capella com que ornava a
 fronte na primeira communhão, lembrando-
 se já de que devia mais tarde trocá-la pela
 grinalda de noiva; recordou o temor com
 que approximára as duas corças, a con-
 fissão ingenua que disse fizera ao sacer-
 dote.

E agora como via lugubres as flores dessa
 grinalda como lhe pendiam murchas e fa-
 das da fronte abalada!

Sim! a virtude não era uma cousa vã, a
 rosa de um dia, que se desfolha ao vento
 por um erro ou capricho de moço, brinco
 inútil, bagatela dispensavel, porque a fazia
 soffrer tanto!

de partido que quizesse realizar o progresso
 moral e material do Brasil, programma so-
 cial eminentemente complexo.

«Foi por essa razão que declaramos pre-
 cipitado o modo porque a palacra imperial
 fallara de emancipação dirigindo-se á gran-
 de associação abolicionista da França, em
 nome do Brasil, (era ministro do estrangei-
 ro o Sr. Martin Francisco!) e em resposta
 ao apello humanitario d'aquella associação
 ou congresso.

«O problema do estado servil é um pro-
 blema essencialmente complexo a resolver
 no Brasil.

«Tende-se a emancipação do estado ser-
 vil ás vagias questões de organização poli-
 tica do Brasil, todas devendo responder ao
 progresso e ao desenvolvimento largo na or-
 dem moral como na material.

«A questão da emancipação filia-se inevi-
 tavel e logicamente á da imigração expon-
 tanea, desde que se não tenha o insensato
 pensamento de niquillar o futuro agricola
 d'este paiz, respondendo ás leis da sua re-
 ceita, e, por tanto comprometendo cada vez
 mais o estado economico do Brasil.

«E o problema da imigração capaz não
 pôde ter solução util sem provocar o da li-
 bertade de consciencia, e grande naturaliza-
 ção.

«Mas resolvido o problema da liberdade
 de consciencia, esta ha de arrastar o ensino
 livre.

«E como não seria completa a resolução
 do problema da imigração e o da liberdade
 de consciencia sem adicionar-lhe o da uli-
 lização das terras e restricções aos direitos
 civis e politicos creadas por leis de occasião,
 seria necessario annullar quantas leis limita-
 tassem o direito de propriedade, o exercicio
 da soberania e da industria, em uma pala-
 vra, banir o monopolio ou o privilegio.

«Resolver a questão da emancipação pe-
 la liberdade dos escravos e nascituros a cer-
 tas condições especiaes, é no estado deli-
 cado do Brasil, realizar um ataque á pro-
 priedade, embora—mal instituida e crimino-
 samente tolerada pelo regimen do absurdo e
 factos consummados. Uma semelhante so-
 lução não pôde ser medida social reflectida
 e sensata, antes perturbadora e ruinosa da
 ordem moral e material d'esta patria.

«E' nossa opinião que o estado servil de-
 ve desaparecer pela liberta, não immediata
 dos escravos mas por tal modo que se não
 arruine o possuidor que adquiriu a posse na
 confiança e á sombra de um direito só de-
 rivado de acto material e de força, e não de
 razão; direito que todos reconheceram por
 criminosas tolerancias; por isso mesmo todos
 decendo soffrer uma parcel a de um mal in-
 dispensavel a prevenir mal maior impre-
 visivel.

Isto diziamos em 1869, e val o leitor apre-
 ciar, por trabalho subsequente de razão que
 previamos com bons fundamentos.

ACTUALIDADE

A fé christã

(Traduzido pelo autor e dedicado á Patria)

A Religião Christã, assentou a pedra an-
 gular de seu amplo edificio sobre o funda-
 mento instavel da fé, da esperança e da
 caridade no trato humano.

D'este modo synthetizou a lucta do bem
 e do mal moral, preparou a consciencia uni-
 versal na unidade da liberdade, do direito e
 da justiça, e, em resumo, effereceu o exem-
 plo do triumpho da virtude sobre o vicio, na
 resurreição de Jesus.

enrolta em um roupão de li guarnecido de
 arminho, em que ella arrufava o buçoalho
 redondo, morrendo a cabeça em continuo aceno
 negativo, Lucia poz inconscientemente ter-
 mo á posição embarracosa em que por mais
 de um mez permaneciam todos.

Agenor, que duas vezes se retirára com
 Marialva para a Fazenda Nova, resolveu a
 regressar para a Corte, embora no dia se-
 guinte quizesse o proposito e voltasse á
 casa do commendador, tentara nessa noite
 o ultimo efforço.

A todas as horas respondia a moça com o
 gesto costumeado.

De subito Lucia deixou a janella e sen-
 tou-se no piano. Agenor voltou-se para a
 sala e conservou-se no mesmo lugar. A dis-
 creta familia deixava-os quasi sempre sós;
 apenas Marialva, sentado em uma cadeira
 de balanço na saleta de espera, lia os seus
 jornaes e blasphemava contra a esterilidade
 dos partidos monarchicos, percorrendo as
 discussões da camara.

Com profundo sentimento artistico er-
 gueo-se de sob os dedos de Lucia esse breve
 e apaixonado hymno do amor, conhecido
 pelo dueto de Pery e Cecilia no final do pri-
 meiro acto do Guarany. Não soavam as or-
 das do sonoro instrumento, eram as proprias

Um código appareceu, estabelecido sobre
 a consciencia humana em sua essencia vir-
 tualmente moral, que abraçou as multipli-
 cas manifestações da origem, da existência
 o do fim da humanidade.

Lembranças do passado, vagos temores
 do uma justiça eterna, a esperança final do
 uma recompensa para os justos e orphãos
 da terra, laços mysteriosos que unem o ho-
 mem no seu Creador, e, enfim, a vida intel-
 ta em suas manifestações sociaes,—o chris-
 tianismo deveu ser revelado ao mundo do
 uma maneira portentosa como a obra acaba-
 da ou a synthese da Divindade.

O christianismo subjugou as figuras do
 Judaismo e descorreu a cortina das futuras
 eternas.

A vida, morte e paixão de Jesus são ex-
 pressão mais fiel e exacta da vida humana.

ELLE venceu na lucta do genio o do mal,
 elevou seu amor pela humanidade até o sa-
 crificio cruento.

O drama do Gólgotha interpretou fiel-
 mente a fugaz passagem por este valle de
 lagrymas: as penas d'esta vida, as injun-
 ças dos homens e a historia (ão velha como
 o mundo da sem razão dos poderosos da ter-
 ra; e que, com a corça do espinhoso, o ac-
 cepto do cano e o sangue derramado, Jesus
 resgatou a humanidade e affirmou a victoria
 do mundo moral.

Graças á amplidão das doutrinas conti-
 das n'esse código, o mundo avança o pro-
 gressa impellido pelo ideal de Jesus.

Nem as maiores catástrophes do mundo
 moral, nem os maiores sacudimentos do or-
 dem social, nem, enfim, os embates da tem-
 po, que tudo mina e destróe, puderam des-
 truir a sua obra divina.

A Fé...
 Muitas vezes, em certos momentos do
 tribulação e de indecisão, tenho perguntado
 a mim mesmo o que é a fé, e o que signifi-
 fica.

Será acaso como uma luz muito elevada,
 por exemplo, e para servir-me de um simil,
 como uma estrella solitaria no horizonte,
 n'uma noite borrasca, ou como o faul
 f-maco, que guia o navegador que sonda a
 deserta praia?

A fé no Christianismo symbolisa a nuvem
 de fogo, que guiava aos Israelitas a través
 do deserto para a terra do Promissão.

A fé, em sentido allegorico, é luz, lume,
 sol no meridiano.

Ella toma formas no Christianismo, e ap-
 parece como uma delhiha protectora uni-
 camente, quando o pensamento se eleva ás
 regiões espirituaes.

So alli ella desfero o vdo e desenvolve
 toda a sua magestade e grandez; só então
 ella impera como rainha e soberana, singida
 a frente com a divina autêntica.

A fé não os olhos d'alma.
 Na sua companhia, o homem se sente
 dono de si mesmo, por que só Deus, com-
 prehende o passado, interpreta o presente e
 adivinha o porvir.

A fé alluma como o sol ao meio dia.
 A razão por si só não é uma faculdade
 bastante para penetrar nos arcanos da Divi-
 dade.

Não! embalo insistem os livres pensa-
 dores em penetrar no sagrado templo; a ca-
 da novo efforço, segue-se nova derrota; e só
 conseguiram, em castigo da inlmita sober-
 bia, representar a triste parodia de Catharina
 Theot, com Robespierre por supremo Pon-
 tifice, ou com a deusa RAZÃO representada
 na mulher de Momoro, actores do grande
 drama de 1793.

A fé como o crepusculo matutino, pre-
 cursor do desejado dia; e sua luz é transpa-
 rente e pura como as aguas de um precioso
 brilhante.

filas do coração de Lucia que desferiam
 aquellas inspiradas phrases musicas de Car-
 los Gomes.

Interrompendo-as para logo e olhando
 para o moço sem levantar do teclado as pe-
 quenas mãos, Lucia pareceu fixar-se, em
 uma idea. Levantou-se e dirigiu-se para a
 janella.

—E porque não

